

Redes Sociais e Feminismo Tecendo uma Experiência Acreana ¹

Aleta Tereza DREVES²

Ana Luiza LIMA³

Universidade Federal do Acre - UFAC, Rio Branco, AC

Resumo

Este artigo se propõe discutir uma experiência de debates sobre o feminismo desenvolvidos no município de Rio Branco – Acre, que tem as redes sociais, em especial o whatsapp e facebook, como elemento de articulação, seja para atrair um público maior, ou para a decisão dos temas que entrarão em discussão. O evento tem mostrado que as redes sociais são um importante elemento de integração, uma ponte entre aqueles que desejam conhecer mais sobre o feminismo, os que conhecem e os que tomam conhecimento do movimento ou do evento por meio de compartilhamentos na rede.

Palavras-chave: redes sociais; feminismo; acre; facebook; whatsapp.

Redes Sociais: considerações iniciais

Feminismo é um movimento que luta pelo fim do sexismo, da exploração sexista e da opressão. Este conceito é trazido pela escritora estadunidense Bell Hooks (1984), em obra que discute a teoria feminista. Passados mais de 30 anos, ele continua muito atual. Hooks afirma em seu livro que a ideia era massificar esse conceito, no qual o real motivo das desigualdades entre homens e mulheres é o sexismo. Para a autora, o diálogo é fundamental para evitar interpretações errôneas sobre o que é realmente o movimento feminista. Hooks também mostra como a mídia de massa patriarcal é fundamental quando se trata da falta de informações ou mesmo ideias erradas sobre feminismo, é uma mídia que dialoga com mais vigor com o universo do masculino.

Recentemente, a internet e as redes sociais têm se constituído em importantes braços do movimento feminista, pois vem quebrando o poder dos grandes conglomerados midiáticos que, em sua maioria, são comandados por homens. As redes têm encurtado

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Jornalismo e Assessora de Comunicação da Universidade Federal do Acre – UFAC. Mestre em Televisão Digital: informação e conhecimento, email: aleta.ac@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFAC, email: analuizadelimas@gmail.com.

caminhos e colocado a discussão para um maior número de pessoas. Abrindo possibilidades de debates, cumprindo um papel de ser elo, um elemento de integração entre diferentes públicos, uma ponte.

Além de permitir a livre produção e distribuição de conteúdo colaborativo em todos os ambientes sociais, com custo reduzido e oportunidade de repassar informações sem dependência dos grandes grupos empresariais, a mídia social, hoje, facilita a interação. Esses fatores transformam a história e o entendimento da sociedade em relação aos conteúdos, modernizando as formas de vivência. (GUEDES, 2013, p13)

O movimento feminista, com cada vez mais força, faz das redes sociais um espaço de ressignificação, uma ferramenta para compartilhamento e discussão de suas ideias. As redes podem ser entendidas como uma *regeografia* de espaços, em que emissor-receptor mudam suas posições e passam a estar do mesmo lado. Onde o produtor-consumidor entram em diálogo e fazem surgir novas temáticas, demandas, colocam em evidência o que estava à sombra, escondido, invisibilizado.

Um espaço de empoderamento, de publicização e de troca de ideias que não encontram, muitas vezes, espaços nas mídias tradicionais, mas que nas redes sociais reverberam, ganham vida ao serem compartilhadas, curtidas, comentadas. São vias que alimentam o movimento, que contribuem para a publicização de questões, fomentando o debate, que não morre, ganha vida pelos caminhos ainda pouco conhecidos e enigmáticos das redes sociais, que são definidas por Recuero (2009) da seguinte forma:

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (RECUERO, 2009, p. 24)

Para a autora, as redes são espaços de visibilidade que permitem aos indivíduos, mesmo estando *offline*, manter-se em diálogo com outros, articulando, discutindo, vendo e sendo visto. “A rede, portanto, centra-se em atores sociais, ou seja, indivíduos com interesses, desejos e aspirações, que têm papel ativo na formação de suas conexões sociais” (RECUERO, 2009, p.143)

Por meios das conexões criadas nas redes, os diferentes sujeitos podem se organizar em torno de questões que são caras a eles, que os motivam para a luta, o

questionamento, podem construir movimentos para defender causas que não obtém espaço relevante nas mídias tradicionais, como o jornal impresso, o rádio ou a televisão, por exemplo.

Bato Papo Feminista: uma experiência acreana

O Bate Papo Feminista surgiu devido a uma necessidade compartilhada por muitas mulheres acreana de encontros pessoais e com embasamento teórico para discussão de conceitos feministas. A partir de postagens relacionadas ao movimento no facebook juntam-se pessoas de mesma afinidade e pensamento e cria-se um grupo no *whatsapp* e, a partir desse grupo, nasceu o primeiro encontro e a equipe organizadora. Logo após as discussões pelo aplicativo do *whatsapp*, inicia-se a *fan page* do facebook e o projeto tomou corpo sendo realizado presencialmente.

A ideia era criar um lugar de referência para pessoas que estavam começando a estudar feminismo, criar um espaço onde houvesse a possibilidade da troca de ideias pessoalmente, dado que não havia nada similar no estado, mesmo com alguns grupos feministas já articulados e tendo histórias de militâncias datadas da década de 80.

Uma das dificuldades do início do projeto foi a organização, já que eram pessoas diferentes, cada uma com sua vida, trabalho, universidade, família, que tinham que se desdobrar mais uma vez para o seu funcionamento. Posto isso, ressalte-se a importância das redes sociais como elemento de articulação do projeto. Parte da organização é feita através das redes sociais, por chats ou eventos criados na rede e que objetivam atrair a atenção de um maior número de pessoas, o que vem sendo alcançado.

Sem a internet talvez o projeto Bate Papo Feminista não estivesse em funcionamento, isto porque é a partir dela que parte do trabalho é realizado. O encontro da organização; a escolha dos temas, convidados, locais e horários; o contato com as pessoas que irão palestrar; a reserva de espaços; e a própria divulgação que é feita quase que exclusivamente através das redes sociais, priorizando o uso do *whatsapp* e após a divulgação no facebook.

Há mais ou menos dez anos, as redes sociais se tornaram armas eficazes na mobilização de pessoas. Hoje, mais que nunca, os grupos agem nas redes sem medo de repressão ou censura. Se fortalecem e lutam por seus ideais, incentivando a participação de pessoas com os mesmos anseios e desejos em comum. Por este motivo, a internet se torna um meio de comunicação cada vez mais popular. (GUEDES, 2013, p.29)

Ao total foram realizados 9 encontros, dos quais 6 na Biblioteca da Floresta Marina Silva, 1 no Sesc de Rio Branco e 2 em praças públicas no centro da capital acriana. O apoio que a iniciativa recebeu foi do espaço utilizado para realização dos eventos e das pessoas que se disponibilizaram para participar dos encontros.

Cada edição do Bate Papo Feminista contou com uma média de 40 pessoas, em públicos rotativos, ou seja, em cada encontro tinha um público diferente do presente no encontro anterior. Participam dos encontros estudantes, profissionais de diversas áreas, mulheres adultas, jovens, mães e filhas que vão, aos sábados à tarde, conversar sobre feminismo.

Conhecendo os eventos, temas criados e sua metodologia de organização

O primeiro evento chamado de “O que é feminismo”, aconteceu no dia 11 de abril de 2015 e foi mediado pela professora Margarete Edul Prado, da Universidade Federal do Acre, na Biblioteca da Floresta. No bate papo, a professora trouxe conceitos básicos sobre feminismo, gênero e papel da mulher na sociedade. A partir das obras de teóricas feministas o debate foi guiado e apresentada a história do movimento feminista dividido nas três ondas. A primeira, datada do século XIX até o início do século XX, ocorreu primeiramente no Reino Unido e Estados Unidos, tinha como mote as reivindicações pelo direito ao voto e a vida pública. É nesse momento que surge o movimento Sufragista.

A segunda onda teve início na década de 60 e durou até a década de 80, neste período as reivindicações das mulheres eram voltadas para temas como valorização do trabalho da mulher, o direito ao prazer, contra a violência sexual, e no Brasil também lutou contra a ditadura militar. Um marco teórico desta época e que, até os dias de hoje, é considerada por muitas como a bíblia do feminismo é o livro “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, nele afirma-se que as diferenças entre homens e mulheres são questões sociais, não biológicas.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. (BEAUVOIR, 1967, p.9)

A terceira onda feminista se inicia nos anos 90, visa intensificar e debater paradigmas da onda anterior. É no fim do século XX que o feminismo realmente se divide, dado que a maioria das reivindicações das ondas anteriores eram voltadas para mulheres brancas, ou mesmo da burguesia. O feminismo negro surge nesse período e se inicia o debate sobre questões de gênero. Há a defesa da ‘micropolítica’ ou o que chamamos hoje de interseccionalidade, visto a necessidade de um recorte de classe e raça no debate feminista. (Narvaz, Koller, 2006)

Este primeiro encontro foi planejado pelas participantes em seus perfis pessoais, então a comunicação nas redes sociais como facebook e *whatsapp* e feita a partir das próprias organizadoras dos eventos. Chamando e convidado os amigos em comum para o evento.



Figura 1: Print do primeiro evento criado no facebook

Feita a mobilização na rede social facebook, através da criação de evento por pessoa em particular, a figura acima demonstra que dos 980 convidados apenas 140 confirmaram o comparecimento e 10 disseram que tinham interesse. Cerca de 15% dos convidados fizeram a afirmativa de comparecimento.

O segundo evento denominado de “Mulheres na Mídia”, aconteceu no dia 09 de maio de 2015, também na Biblioteca da Floresta e foi mediado pela jornalista e militante feminista Fabiana Nogueira Chaves. Neste encontro foi abordado a maneira com e a mulher é retratada na mídia, as campanhas publicitárias, o conteúdo das revistas voltadas para o público feminino e mesmo a culpabilização da mulher em casos de violência. As grandes empresas midiáticas e de publicidade brasileiras são controladas por homens, e a maioria do

que é produzido é feito para homens. Esse conteúdo é utilizado para perpetuar o papel do feminino na sociedade, vai de ‘mulher bela, recatada e do lar’ a mulher objeto.

Nestes dois primeiros encontros, a mobilização para que os eventos acontecessem foi feita primeiramente por grupo de *whatsapp* e posteriormente a divulgação pelas participantes no facebook. O primeiro mais efetivo no facebook com a criação de evento, o segundo apenas por divulgação no facebook através de publicação dos perfis das organizadoras.

Os eventos contaram com uma pequena participação e foi possível através dos encontros presenciais construir outra rede dentro do *whatsapp*, esta mais abrangente, para a comunicação direta dos atores sociais com os participantes. Após esta ação cria-se a *fan page* no facebook, a qual ajudou significativamente no processo de expansão.

A partir do terceiro evento o cenário comunicativo do Bate papo feminista, muda. Denominado “Feminismo Negro” e mediado pela cientista social Jaycelene Brasil, no dia 13 de junho de 2015, na Biblioteca da Floresta. O feminismo negro leva em consideração questões de raça, classe e gênero em suas pautas, visto que sofrem um outro tipo de opressão. Isso fica evidente quando observamos o mapa da violência no Brasil elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Estudos Sociais em que mostra que o índice de assassinatos de mulheres negras aumentou 54% enquanto o de mulheres brancas reduziu 10% entre os anos de 2003 a 2013.

O terceiro evento se iguala ao público do primeiro evento, basicamente, apesar da *fan page* criada, ainda eram os primeiros passos a seguir. O público convidado foi de 935 pessoas, destas afirmaram que compareceriam 109 e 11 pessoas não deram certeza mas afirmaram ter interesse ao evento, conforme figura 2. A metodologia de divulgação dos eventos começa a mudar, as organizadoras, convidam as pessoas para curtir a *fan page* e a partir dela outras começam a convidar. As palestras ainda continuam sendo definidas em um grupo pequeno de *whatsapp*.



Figura 2: Print do terceiro evento criado no facebook

O quarto encontro, chamado de “Relacionamentos Abusivos”, foi mediado pela professora Madge Porto, da Universidade Federal do Acre, o encontro foi realizado dia 11 de julho de 2015 na Biblioteca da Floresta. A partir dos estudos realizados por Tânia Navarro Swain que a professora Madge Porto construiu sua apresentação, trazendo o dispositivo amoroso como o principal causador da permanência de mulheres em relacionamentos abusivos. Assim como o dispositivo materno e heterossexualidade compulsória.

O amor está para as mulheres o que o sexo está para os homens: necessidade, razão de viver, razão de ser, fundamento identitário. O dispositivo amoroso investe e constrói corpos-em-mulheres, prontos a se sacrificar, a viver no esquecimento de si pelo amor de outrem(...) O dispositivo amoroso, assim, cria mulheres e, além disso, dobra seus corpos às injunções da beleza e da sedução, guia seus pensamentos, seus comportamentos na busca de um amor ideal, feito de trocas e emoções, de partilha e cumplicidade. (SWAIN, 2006, p.10-11)

Devido ao acréscimo de curtidas na pagina do facebook e as mobilizações constantes na divulgação de postagens relacionadas ao evento, e temas de mesma afinidade em menos de trinta dias o número de seguidores alcançados aumenta em 395. O que demonstra a amplitude de alcance das publicações, conforme pode ser notado na figura abaixo.



Figura 3: Print do quarto evento criado no facebook

O quinto encontro, denominado de “Transativismo” foi mediado por Antonella Albuquerque e Bruna Ruby, no dia 15 de agosto de 2015, na Biblioteca da Floresta. Elas são militantes transativistas e integram a Associação de Travestis e Transexuais do Acre (Attrac), na qual Antonella é presidenta. Através de histórias de vivências e militâncias foram compartilhados relatos e ideias sobre a violência e luta das mulheres trans e travestis. Por ser um tema bastante controverso dentro do próprio feminismo, a ideia era levar para debate as questões de identidade de gênero e sexualidade como processos ainda em construção e possibilitar o acesso à informações sobre a temática.

O sexto evento intitulado “Feminismo no Enem”, foi mediado pela psicóloga Carolina Sátiro Macedo, no dia 28 de novembro de 2015, como parte da programação dos 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher. O evento foi realizado em praça pública no centro da cidade de Rio Branco.

O sétimo encontro, “O mito do instinto materno”, também mediado pela professora Madge Porto, foi realizado dia 12 de março de 2016, no auditório da Biblioteca da Floresta. Esse bate papo teve uma apresentação inicial menor que a de costume, e teve sua conversa guiada quase que totalmente pelo público presente. O evento, que a princípio tinha sido pensado para debater a pressão social em cima das mulheres para se tornarem mães, acabou se transformando em uma conversa sobre as dificuldades da maternidade, como a sociedade cobra da mulher coisas que não cobraria de um homem com relação aos filhos dos dois, casos de violência obstétrica e demais relatos.

No dia 9 de abril de 2016, no auditório da Biblioteca da Floresta, o oitavo evento intitulado “Visibilidade Lésbica”, contou com a participação de Yasmim O’hana, Nilce Souza e Sandrinha da Silva. Lésbicas que militam pela causa, cada uma a sua maneira, Yasmim O’hana é música e trabalha na Secretária do Estado do Acre de Gestão Administrativa, além de trabalhos voluntários com a Trupe SouRiso que leva teatro, dança, poesia e música para dentro dos hospitais acreanos. Nilce Souza foi a representante acreana no Seminário Nacional de Lésbica e Mulheres Bissexuais - Senalesbi 2016. E Sandrinha da Silva é presidenta e fundadora da Associação de Lésbicas do Acre.

Estes quatro últimos encontros permaneceram com a mesma mobilização de chamamento de público pelas organizadoras. As pautas para os eventos foram definidas no grupo de *whatsapp* das organizadoras e divulgadas através de outros grupos de *whatsapp* e facebook. No facebook para estes últimos eventos todos contaram com mais de 800 pessoas convidadas, com alcance maior que 1000 pessoas e com aproximadamente 100 pessoas com confirmação de presença. Após muito trabalho e massificação da comunicação em rede, para o nono evento foi possível atingir um público significativo nas redes sociais e um aumento de público presente, mesmo sendo, um público de grande rotatividade, mas a mobilização, as sugestões e a interatividade dos participantes com a página leva as autoras a buscar novas pautas e ampliar a possibilidade de participação.

O nono evento realizado no dia 01 de junho de 2016, chamado de “Precisamos falar sobre a cultura do estupro”, é diferente de todos os outros bate papos, dessa vez não teve uma pessoa dando palestra para guiar e também mediar o debate como nas edições anteriores. Com a divulgação do vídeo de um estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro e devido a mobilização nacional, principalmente nas redes sociais, viu-se a necessidade de realizar-se um ato na cidade de Rio Branco para poder discutir o tema. Sem a necessidade de uma pessoa para explicar os conceitos teóricos sobre cultura do estupro, os próprios relatos, vivências e experiências compartilhados em praça pública foram o guia para uma compreensão real sobre o impacto da cultura do estupro na vida de cada mulher.

Segundo dados coletados pelo 9º anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública uma mulher foi estuprada a cada 11 minutos no Brasil no ano de 2014, resultando em um total de 47.646 estupros registrados nesse período. Já é um número alarmante, mas o documento ainda esclarece que estimasse que apenas 35% dos casos de crimes sexuais são notificados. Já dados coletados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostram que 67% dos casos de violência entre as mulheres são cometidos por parentes

próximos ou conhecidos das famílias; 70% das vítimas de estupro são crianças e adolescentes e são raros os casos em que os agressores são punidos.

A decisão sobre o tema e organização do evento partiu do grupo de organizadoras do *whatsapp*, conforme alguns prints das conversas na figura abaixo, influenciadas pelos atos nacionais.

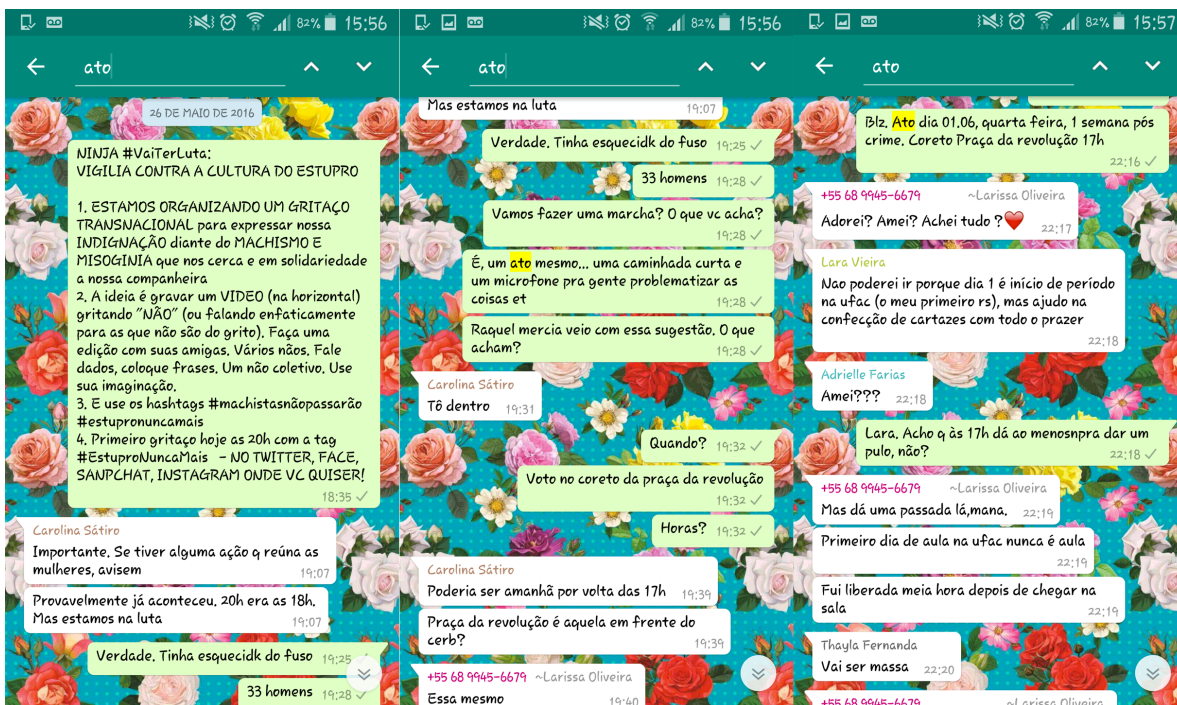


Figura 4: Print de algumas conversas das organizadoras no Whatsapp para definição do tema do nono encontro

Para este evento que foi motivado por uma ação nacional onde a mídia deu enfoque e visando ampliar a discussão do assunto na cidade de Rio Branco, através das redes sociais, conseguimos a mobilização de 2100 pessoas, com o comparecimento de 370 pessoas e 290 afirmando que tinham interesse, mas não saberiam se iriam comparecer. O alcance do público externo que era de aproximadamente 1000 usuários foi para 17.000, tendo um aumento significativo de mais de 50% do público em todos os quesitos propostos.



Figura 5: Print do nono evento criado no facebook e seu alcance de visitantes

Considerações

O artigo mostra que as redes sociais ocupam um importante papel enquanto instrumento de visibilidade e articulação dos movimentos sociais, em especial do movimento feminista. No caso em questão, que é a experiência do Bate Papo Feminista realizado no Acre, elas foram o instrumento que permitiu o nascimento e a permanência do projeto. Além do mais, a partir da articulação nas redes, a iniciativa consegue agregar novas pessoas que se interessam pela temática e trazer à luz questões importantes para a compreensão do movimento e da sociedade atual.

O caminho percorrido não é facilitado, foi necessário um ano de trabalho para que o aumento de público significativo nas redes sociais fosse ampliado em mais de 50%. O que se pretende aqui, além de referenciar a importância das redes sociais na divulgação deste tipo de conteúdo segmentado e afirmar que em Rio Branco – Acre estas ferramentas midiáticas tem seu funcionamento, é também ter um relato da memória deste projeto que nasce de amigas com interesses em comum e tentam levar a comunidade a discussão sobre o assunto e o debate crítico os quais os veículos de comunicação não realizam. O caminho a trilhar ainda é árduo tanto para as organizadoras e para os eventos, quanto para nós que nos dispomos a escrever sobre eles. Pretendemos adotar novas metodologias de pesquisa para um aprofundamento posterior sobre o resultado de cada palestra na mobilização dos assuntos aqui explanados.

REFERÊNCIAS

9º anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/storage/download//anuario_2015.retificado_.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2016

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo, volume 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2ª edição, 1967

BUTLER, Judith. Problema de Gênero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

CHAVES, F.N. A sociedade capitalista e o feminino: sua estrutura falocêntrica e a questão da aparência. In: Marcondes Filho.C. (org). Transporizações. São Paulo: Eca- Usp, 2010, p 216- 226.

GUEDES, Tais Morais. As redes sociais - facebook e twitter – e suas influências nos movimentos sociais. 2013. Dissertação de mestrado em Comunicação. Universidade de Brasília.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HOOKS, Bell. Feminism is for everybody: passionate politics. Cambridge: South end press, 2000

HOOKS, Bell. Feminist theory: from margin to center. Boston: South end press, 1984

NARVAZ, Martha Giudice & KOLLER, Silva Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n.3, p. 647-654, set./dez. 2006. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2016

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009

SWAIN, Tânia Navarro. Entre a vida e a morte, o sexo. Labrys. Estudos Feministas (Online), Brasília, Montreal, paris, v.12, n. julho/dezembro, 2006 - Disponível em:<http://www.intervencoesfeministas.mpbnet.com.br/textos/tania-entre_a_vida_ea_morte.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2016

WAISELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2015. Homicídio de Mulheres no Brasil. 1ed. Brasília, DF. 2005 Disponível em: <www.mapadaviolencia.org.br>. Acesso em: 14 jul. 2016.